

# Visita

Insisto que um novo amigo  
tem nova fibra de mundo.  
Busco, mordente, seu calcanhar agudo  
(caminho do coração).

O amigo novo  
nos senta  
na sala no mundo  
e desfila com tantas caras  
para nossa hipótese  
de espanto.

E, de novo, nos despimos  
sabendo que todo corpo  
é gasto e dolorido  
em suas cintilações de antigo  
carnaval.

Mas o amigo também  
sabe que dói,  
e dói conosco tantos copos  
que de repente nos derramamos  
e desarmados cruzamos  
novas bordas: velho vinho  
de circunstância.

O amigo bebe de seu próprio copo,  
nunca descuidará. Sonhamos  
que um dia caia exangue  
em nosso braço.

Mas são nossos olhos que fecham  
e nós quem adormecemos. Breve  
o amigo amanhecerá  
e não temos palavras certas.  
Ele que nos diga  
qualquer coisa, como do sol  
da manhã que nasceu.

## Nascimento

todo som é alto  
toda água sobe  
    nasce já subindo  
todo corpo é clímax  
    sempre na vertente  
todo bico é pássaro  
    nas últimas folhas  
todo amor perdura  
    no alto do galho  
toda luz é sempre  
    nasce já incêndio  
todo sopro dura  
    na vida na chama  
toda brasa queima  
    sua luz minéria  
toda mina guarda  
    seu plural no fundo  
todo nome sabe  
    seu fundo no corpo  
toda face é faca  
    nasce já cortando  
todo mel é sumo  
    de madura chama

quando esses pássaros  
atravessam o peso da cidade  
e batem contra os muros  
no viveiro gigante e invisível  
as asas e as penas que não caem  
são os peixes do mais fundo dos rios  
são as folhas do mais alto das árvores  
e as nuvens que, sem reclamo,  
suportam a massa do azul

Minha irmã foi noiva longamente  
que hoje borda e fia na janela,  
penélope de próprio labirinto.  
Eu mesmo na janela não diviso  
senão a vaga espera, um gesto aéreo,  
tecida apenas do desejo aflito  
com que bordo seu noivo nos atrasos.  
Não cabem nossos olhos nesta sala  
tão grande, de paredes recuadas;  
pois que se cruzem, se amem, se maltratem  
com entender de si seus tempos vários.

Apanho teu novelo descuidado,  
componho-o de novo, ao revés;  
alcança-o teu colo, no bordado  
de onde partiu e chega, de outra cor.  
Teu noivo, nessa espera, longamente  
não vem; o que te posso responder  
(como profeta que olha à ré do corpo)  
é que já não virá, em seu destino  
confiado à solidão dos esperados.  
E nós, nosso retrato, se colore  
daquele azul das horas cumuladas  
com que à distância vemos, no bordado,  
fio e agulha em linho descansando;  
teu corpo no caminho da janela  
e a sombra do poema em si estando

Cobrir o corpo com nome,  
descobri-lo; rever o corpo  
nu, recobri-lo; cobrir o corpo  
com o corpo, recobrá-lo  
do nome, compô-lo  
com seus traços próprios;  
velá-lo; ungi-lo;  
com óleo e água  
reanimá-lo.  
Olhar-se

Que o nome  
fluido cor-  
ra para o  
corpo e este

estenda as águas em sua parte de rio  
e cubra todas as margens que banham  
um poema

Que coisa diz seu nome  
fora de si mesma?  
Para ser, pedra  
recolhe-se  
(quando apontamos na estrada)

Quando apontamos na estrada  
algo furtivos, ou nus,  
primatas em busca de origem  
(estrela nosso futuro)  
bichos correm alarmados  
sob o pêlo sem espécie.  
E aves rastejam, se puderem,  
sem tempo de céu e sonho  
que não querem revelado  
a golpe de nosso olhar

E no entanto, éramos bípedes  
amáveis, já saudosos,  
feição atenta de medo,  
de certa urgência na boca  
(traçada para chamar  
não o nome certo da coisa  
mas uma fome no espaço)

Então solitários, magros,  
desentocamos de  
cada vão uma certa  
sombra,  
um certo esgar, um riso  
que desfraldado resplende  
na boca de nosso mito,  
no corte de nosso dente  
ancestre, doce, polido

## Imagine a seguinte situação

Recebi hoje, pelo correio,  
três critérios  
vinte mil suspiros.  
Sentei-me circunspecto  
à mesa do café.  
Por onde anda aquela foto  
de mim  
que não cabe  
aqui?  
Que mães tão ambíguas  
chegam, me saúdam  
arrastando saias, asas e mitos?  
E esta folha branca  
— flor do meu destino —  
que ousa se escrever  
em dedos estranhos?

(Abro teu jornal. Tanta notícia  
não pode ser tua.  
Um bocejo largo  
para teu sol de plástico,  
brisa de papel,  
verde desterrado.  
Vinte mil critérios  
para teu suspiro,  
sob o campo, azul.)

Quando o carteiro chegou  
com uma carta na mão  
eu fazia dezoito anos,  
e era hoje.  
Dentro do envelope havia  
(quem diria)  
meu retrato um disco uma folha um branco.  
Havia também alguma coisa mais  
que resgatava todas  
(e esqueci).  
De hoje em diante posso apresentar,  
à frente do Juízo,  
de cabeça erguida,  
minha sombra oculta.